

Filhos dos Livres, Festival Volume, Pato Fu, Homem Aranha



1970 - 1975

Cinco anos incríveis para a música brailleira

Jorge Durán

Entrevista com o diretor do brilhante Proibido Proibir

Autoramas

e e b u

Nº24

jun/jul de 2007

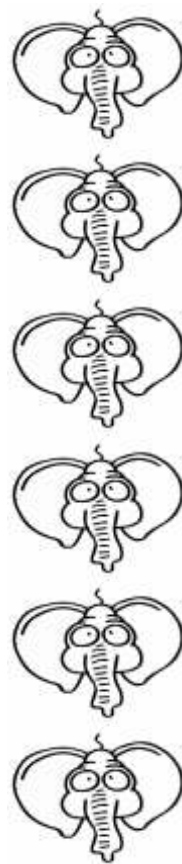
Demorou né? Desculpe! O programa feito desde sempre é que essa edição deve sair junho/julho para dar uma folguinha no ritmo de produção. O esquema funcionou bem nos dois primeiros anos até porque seu estabelecimento foi pensada em bases mais empíricas do que por planejamento. A verdade é que vai chegando essa época, bate uma preguiça alucinante. Junte aí o meu maior pecado capital com quebra do computador, gripes, olho cansado e Porão do Rock. Um detalhe aqui e acolá e pronto, lá vai a edição atrasada. O que não é tão ruim, afinal, se ela saísse em julho propriamente dito, ainda estava valendo, certo?

A falta de inspiração está tão grande que esse editorial não vai render. Nem adianta. Até porque o único assunto que consigo pensar é esportivo. E muito por causa da aproximação do Pan, e com a possibilidade de do Brasil sediar uma Copa do Mundo. Mas quem anda mesmo inspirando argumentos e agitando os fóruns da vida é o piloto Lewis Hamilton. Me chamaram de "vira-casaca" dia desses depois que confessar que sou mais o inglês do que o Felipe Massa. Mas pensa bem, o Hamilton está numa equipe onde os caras querem mais é que os dois pilotos se comam na pista. E é isso que fez a F1 ficar interessante de novo, além da saída do Schumacher. McLaren é o que há, e o resto é brincadeira.

O que é interessante é que essa briga lembra muito o primeiro campeonato do Senna. Ele era um recém-chegado na equipe e teoricamente seria o segundo piloto do então bicampeão Alain Prost. Só que ele não se intimidou com nada disso e o que fez foi brigar ponto a ponto com o francês até vencer no Japão e conquistar o primeiro campeonato. É a mesma coisa que acontece hoje com Hamilton e Fernando Alonso. A briga está tão boa que a Ferrari e o Felipe Massa ficaram desinteressantes.

Mas voltando ao assunto do zine, espero que vocês curtam a edição, que acabou virando um caso à parte depois de tanta queda de assunto e até, pasmem, de capa. Sim, cheguei a montar três capas diferentes: do Autoramas, dos anos 70 e do Homem Aranha. Prevaleceu a do Autoramas (o disco novo é alucinante).

Antes do fim, só gostaria de dedicar um agradecimento especial a Rúbia, a nossa crítica de cinema. Ela deu o maior apoio moral quando estava com dificuldade para finalizar o zine.



ELEFANTE BU N° 24

EDIÇÃO, DIAGRAMAÇÃO, PRODUÇÃO E TEXTOS NÃO ASSINADOS:

Djenane Arraes

DIAGRAMAÇÃO "PORÃO WEB":

Washington Ribeiro

CAPA:

Foto de divulgação.

COLABORADORES:

Washington Ribeiro, Georgiana Calimeris, Leonardo de Moura e Rúbia Cunha.

AGRADECIMENTOS:

Robson Dias, Guilherme Lobão, Iara Arraes, Manoel Guimarães, Marcelo Mendes, Igor Minar, Rodrigo Cruz e Vinícius Mitchell. Dewis Caldas, Jorge Durán, Guilherme Cruz, Renato Lima, Paulo Metello. Gabriel Thomaz.

DISTRIBUIÇÃO:

Por e-mail

BLOG PARA DOWNLOAD:

<http://elefantebu.poraki.com.br>

CONTATO:

elefantebu@yahoo.com.br

CANÇÕES E AFINS:

*Je T'aime, baby, The Lovers; Gov Did Nothin', The John Butler Trio; Detroit Breakdown, The BellRays (que aliás, é uma puta banda... tem que respeitar); Sixth Sense, Kiss Kiss; Play That Funky Music, White Boy, Wild Cherry (essa foi uma cortesia do Leonardo de Moura que rendeu bons momentos durante a diagramação do zine. Pô, mas essa é um ícone); Atlantis To Interzone, Klaxons; I'm Blue, 1,2,3,4,5's (não sei se você já reparou, mas ao invés delas cantarem 'i'm blue', cantam 'i'm boooooo'). É um barato). Todos os discos citados nessa edição (sério mesmo), em especial o Transa do Caetano. Não conseguia parar de ouvir *You Don't Know Me*.*

APOIO:



porãoweb.com.br

Capa/ Ziniando:

Autoramas

Pato Fu:

DVD Toda Cura Para Todo Mal

Ziniando:

1970 - 1975

Filhos dos Livres

Cactus Cream

A Banda de Um Amigo Meu

Festival Volume

O Guia:

Espelho, Espelho Meu...

Para Ver:

Jorge Durán

Mundo Geek:

Heroes

Akira

Homem Aranha



delícia caseira

O DVD do *Toda Cura Para Todo Mal*, que traria o projeto de mini-clipes, era um produto anunciado no início de 2005 quando o Pato Fu lançou *Uh, Uh, Uh, Lá, Lá, Lá, Ié, Ié* nas rádios e na MTV. A proposta de fazer clipes de baixo orçamento a fim de que cada faixa do disco pudesse ter o seu era inédita do Brasil e seu futuro lançamento era esperado com muita expectativa. Mas passaram dois anos e no início de 2007 o tal DVD ainda estava na promessa. Nesse espaço de tempo o Pato Fu tocou fora do país, encerrou a turnê do *Toda Cura Para Todo Mal*, começou a gravar o novo disco, concorreu ao VMB com três clipes diferentes em dois anos, e quase todos os clipes já estavam postados no YouTube. O lançamento propriamente dito só aconteceu mesmo em abril. Parecia que o enrolado DVD perderia sua função para se transformar num mero objeto de coleção de fã.

Puro engano. Apesar de mais da metade do conteúdo ser conhecido até pela própria iniciativa da banda, que colocou alguns dos clipes na página oficial, o DVD *Toda Cura Para Todo Mal* vale à pena pelo capricho habitual da produção, pelos extras, pelos próprios clipes, e porque nem o tempo, nem o YouTube e nem outro artista foram capazes de tirar do Pato Fu o pioneirismo de um projeto fabuloso.

É verdade que os clipes são as estrelas e cada um tem o seu jeito e mérito, mas o que pega o fã pelo calcanhar são os extras, em especial os que mostram os bastidores das gravações e dos shows. O primeiro da lista é uma espécie de documentário da gravação do disco no estúdio 128 Japs, em Belo Horizonte, que fica no quintal da casa de John Ulhoa e Fernanda Takai. Ele mostra alguns ensaios, os integrantes gravando passagens das músicas, a degustação do que acabou de ficar pronto, brincadeiras, "nerdices" e por aí vai. Coisas que também diz ao público em geral que gravar um disco dá um trabalho danado.

O legal é que esse "documentário" foi filmado pelo próprio Pato Fu, mais Gabriel Barbosa. Saber que ele foi editado pelo guitarrista e não de um observador distante, fez aquele trabalho se aproximar ainda mais do público. Não é por menos que o gostinho caseiro ou caipira é sempre melhor que o industrial.

John também usou seus dotes de videomaker (mais uma habilidade na conta desse moço) para gravar um clipe alternativo da música *Vida Diet* gravado diretamente no Japão. Esse está "escondido" no canto inferior direito da tela e é preciso clicar no "bonequinho" para ter acesso. É de John a edição de registros do Pato Fu pelos palcos da vida, em especial no show do Circo Voador, no Rio de Janeiro, onde aparece a maior parte das cenas. A crítica negativa aqui é uma apenas: faltou o registro da nova versão do *Processo de Criação Vai de 10 Até 100 Mil*.

Os extras também trazem Manuela Azevedo, da banda portuguesa Clã, fazendo ao vivo o dueto que acontece na música *Boa Noite Brasil*; o clipe de *Noite Enluarada*, para o documentário *A Pessoa é Para o Que Nasce*; fotos de Ricardo Koctus; *Simplicidade* com o astronauta Silício, além dos batidores da gravação dos clipes *Anormal* e *Agridoce*.

Em tempo, os clipes podem ser ouvidos em Doubly Digital 5.1. Há também legendas em português, espanhol e em inglês que se transformam noutra diversão. Será que você consegue cantar *Uh, Uh, Uh, Lá, Lá, Lá, Ié, Ié* em inglês sem tropeçar?



Os Clipes

Há de quase tudo nesses 16 clipes de *Toda Cura Para Todo Mal* sendo 14 oficiais, uma versão alternativa de *Vida Diet* e o clipe de *Noite Enluarada*. Temos desde o clipe muito caro e "inovador", mas que perde toda a graça com o tempo, até aquele bem baratinho e criativo que, sem-querer, torna-se marcante na carreira da banda. Dinheiro e nome famoso não é mesmo garantia de um bom trabalho.

Veja, por exemplo, Hugo "quero ser Tim Burton" Prata. Parece não saber fazer nada diferente no Pato Fu que não coloque a Fernanda Takai com uma maquiagem pesada no rosto e os cabelos para cima, duros de tanto gel e spray. Coube a ele o clipe oficial de *Vida Diet*, um trabalho bem inferior à despretensiosa versão caseira filmada e editada por John Ulhoa. Não entenda mal, pois Hugo Prata fez o clipe de *Antes Que Seja Tarde* que é histórico e trata-se sim de um grande diretor. O problema é que não há argumentos atenuantes suficientes para justificar um produto ruim. Ver a Fernanda com cara de "Edward Mãos de Tesoura" não foi exatamente agradável.

Outro caso é o de Jarbas Agnelli, responsável pelo antológico clipe de *Made In Japan*. No DVD ele foi o responsável pelo "clipe do raio x" de *Anormal* que foi feito com tecnologia de ponta que tem nome complicado. Porém, esse acabou tornando-se um trabalho do tipo "quanto mais se vê, menos se gosta".

Feliz mesmo foi Conrado Almada. Ele assumiu a responsabilidade de fazer dois clipes e foi bem-sucedido em ambos. O primeiro que fez foi o espetacular *O Que é Isso?*, de longe o melhor e mais criativo clipe do DVD. Ele utilizou a brincadeira de uma caixa dentro da outra de forma muito inteligente. E nessas mesmas



caixas há diversas figuras tiradas de pôsteres ou ilustração de revista que foram coladas nas laterais. Mesmo não sendo as mesmas imagens da música, elas contaram a história com perfeição. Almada também optou por uma edição ágil que prende a sua atenção até o último segundo.

Já na melancólica *Agridoce*, o diretor abusou da simplicidade e do minimalismo para ilustrar a música de dor-de-cotovelo. Colocou a vocalista da banda num vestido claro e tela branca que aos poucos vai sendo tomada pelo preto, assim como a roupa que também escurece. Genial!

Quando o assunto é sensibilidade e delicadeza, então não há melhor exemplo no DVD do que os trabalhos da dupla Leonardo Domingues e Roberto Berliner com os clipes de *Sorte e Azar* e o extra *Noite Enluarada*. O primeiro ficou meio católico, mas o resultado é muito bonito. O segundo é bem mais uma homenagem às irmãs cegas protagonistas de *A Pessoa é Para o Que Nasce*. Fernanda participa do clipe junto com as grandes estrelas do documentário.

O DVD também deixou espaço para o bom humor nos clipes de *Uh, uh, uh, lá, lá, lá, ié, ié* (digitar esse nome dá trabalho!) com desenhos de Laerte, e *Amendoim*, que é uma salada deliciosa com direito a participação especial da Nina, dos bichinhos de pelúcia e do Totó. Aliás, esses dois devem ser os preferidos da criançada pelas cores fortes e pelo ritmo.

Um último destaque é o clipe de *Boa Noite Brasil*, de Rodrigo Minelli e FAM (Feitoamãos) por conter mensagens políticas subliminares (sorria, você está sendo governado)

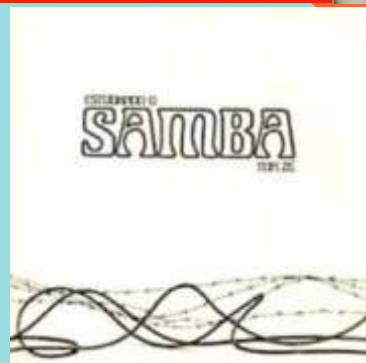
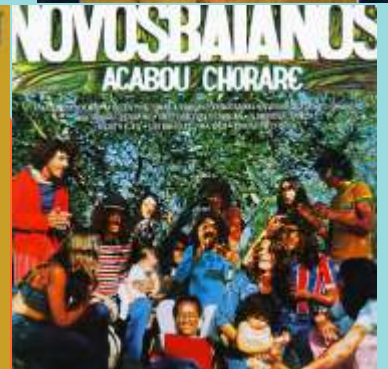
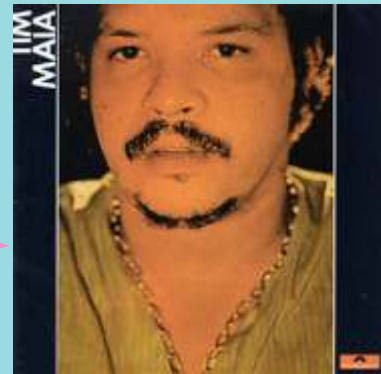
e por ser um prato cheio para os geeks. É possível fazer uma lista de personagens históricos e da cultura pop ali. Vamos fazer uma lista? Stormtrooper (o soldado imperial de Star Wars), Astro Boy, Planeta dos Macacos, Bush, Hitler, o primeiro astronauta na lua, Che, Ultraseven...



1970 - 1975

cinco anos incríveis da música nacional

Ditadura militar, exílio político, revolução sexual, Beatles, hippies, o rock ganha novas caras, a MPB incorpora a Tropicália e começa a confundir... tudo contribuiu para que o início dos anos 70 fossem um período determinante na música brasileira.



ziniando

Vamos fazer um teste. Se você acha que sabe o mínimo da história da música popular brasileira, então faça uma lista de discos que considere essenciais, ou por serem obras quase perfeitas ou por terem influenciado gerações. Pode deixar que isso é uma matéria escrita e você tem todo o tempo do mundo para pensar a respeito e voltar a ler para saber qual é o propósito disso. Fez? Agora te pergunto: quantos deles foram lançados entre 1970 e 1975?

Noutro dia fiz uma lista dos discos nacionais que julgava fundamentais e relatei os que tinha e os que ainda precisava adquirir de alguma forma. Para a minha surpresa, a maior parte era desse período. Percebi que isso não era um caso isolado ao verificar em diversos sites e revistas antigas, como a Bizz, que os jornalistas especializados e amantes da música fizeram listas diversas, mas que tinham como ponto convergente discos como *Secos e Molhados*, *Construção*, de Chico Buarque, *Clube da Esquina*, de Milton Nascimento e Lô Borges, *Acabou Chorare*, dos Novos Baianos, e etc.

Seria então esses cinco, os anos mais incríveis e importantes da música nacional? Me atrevera a dizer que sim. É verdade que mudanças são contínuas, cada período com suas virtudes e defeitos, e seria idiotice dizer que os anos 80 ou 90 ou a própria década atual não tiveram o mesmo valor. Só que a intensidade como as coisas aconteceram no início dos anos 70 e o volume de obras essenciais num período de tempo tão curto jamais se repetiu. Se você reunir as obras importantes de toda a década de 90, elas não conseguem alcançar em quantidade as feitas em apenas cinco anos. Sem mencionar que seria uma lista mais questionável, com poucos pontos em comum.

Existem vários fatores que contribuíram para que tal onda de clássicos acontecesse e se concentrasse nesses cinco anos incríveis. Começa pelo próprio rock'n'roll que, com menos de 15 anos, já tinha várias ramificações. Nova York estava com o movimento pré-punk e todas as suas faces em franco desenvolvimento. Os Stooges e o Velvet Underground haviam lançado no final dos anos 60 discos que teriam impacto. O rock progressivo estava muito próximo do seu auge com Emerson, Lake & Palmer, Yes e outros. O Yardbirds já havia dado as diretrizes que culminariam no surgimento do hard rock pelas mãos do Black Sabbath, Led Zepplin e Deep Purple. Mas, principalmente, os Beach Boys lançaram o *Pet Sounds* em 1966, que foi a principal motivação para os Beatles revolucionarem com o *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club*

Band em 1967, essa sim a obra fundamental que modificaria tudo.

O funk e o soul da Motown também estavam correndo soltos em terras estadunidenses, e Tim Maia estava lá ouvindo, tocando, fumando e cheirando toda aquela atmosfera.

Enquanto isso, no Brasil do final dos anos 60, a jovem guarda começava a se fragmentar em parte pela saída do seu principal pilar de sustentação, Roberto Carlos, que seguiria na música romântica, e parte pelo próprio desgaste natural das baladinhas e versões. A bossa-nova estava estabelecida e concretizada, enquanto a chamada MPB, que teve seu pontapé inicial com o *Samba Esquema Novo*, do Jorge Ben e ganhou discurso político no *Opinião* de Nara, seguia com suas contínuas transformações.

A Tropicália de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Mutantes, Rogério Duprat e cia aproveitou toda essa miscelânea para fundir e desconstruir no final dos anos 60, mas o impacto maior que conseguiram naquele momento foi mais visual e de comportamento. Esse movimento foi, inclusive, um retumbante fracasso comercial. A estética sonora ainda era muito primária perto do que surgiria poucos anos depois pelas mãos dos próprios tropicalistas amadurecidos. E é bom ressaltar que vários dos artistas que fizeram discos antológicos no início dos anos 70 já estavam trabalhando de alguma forma na música e chegaram, naquele momento, prontos. Raros foram os "novatos geniais" (leia-se Secos e Molhados).

Todas essas informações foram ter o seu melhor reflexo no início dos anos 70 no Brasil, potencializado com a própria época de ditadura militar e transformações sociais e comportamentais intensas. Mas nenhum conjunto de fatores favoráveis adiantaria caso os artistas da época não fossem diferenciados. Eles conseguiram absorver as informações e construir algo novo e próprio, fugindo do lugar comum que seria a mera reprodução (muitas vezes mal feita) do que se vê e ouve.

Vamos começar com os Mutantes, o real com Sérgio Dias, Rita Lee e Arnaldo Baptista. O começo tropicalista foi rapidamente diluído em 1969, e caiu no rock psicodélico com



humor levados ao extremo. Logo em 1970 fizeram *A Divina Comédia ou Ando Meio Desligado*, que é um disco complexo que ia além de tudo que os Beatles fizeram. Isso sem mencionar *Hoje é o Primeiro Dia do Resto da Sua Vida*, de 1972, creditado como segundo disco solo de Rita Lee, mas que na verdade é a obra prima dos Mutantes. E quem diria que a fragmentação da banda renderia mais clássicos. Arnaldo Baptista, com *Lóki* (1974) fez um dos melhores discos de rock sem guitarras já vistos. Rita Lee, por sua vez, absorveu influências do hard rock no Tutti Frutti para, no mesmo ano, reaparecer com o excelente *Atrás do Porto Tem uma Cidade*. Em 1975 lançou o histórico *Fruto Proibido*, uma enxurrada de clássicos que unia T-Rex, pop e brasilidade, além do solo de guitarra de *Ovelha Negra* que já valia o ingresso.

Ainda no rock, é impossível não mencionar Raul Seixas, que nesse período de cinco anos fez *Krig-Ha, Bandolo!* (1973) e *Novo Aeon* (1975) repletos de referências a Bob Dylan,

Elvis Presley e Tropicália. É bom lembrar que Raul já era um artista amadurecido que passou a década passada absorvendo informações e se aventurando em tentativas fracassadas.

O hard rock foi o que deu o pontapé inicial na carreira dos Novos Baianos em 1970 com o LP *É Ferro na Boneca*, mas o que os levou para a história foi a parceria com João Gilberto, que costumava ir ao apartamento coletivo para tocar com o pessoal. Dessa parceria (e influência) surgiu o *Acabou Chorare* em 1972, que era uma mistura perfeita de rock, samba e bossa. E foi também na mistura do rock com elementos regionais que vieram discos fantásticos e bem distintos entre si como o *Clube da Esquina*, de Milton Nascimento e Lô Borges, *Secos e Molhados*, e *Passado, Presente e Futuro*, de Sá Rodrix e Guarabyra.

Caetano Veloso, Gilberto Gil e Chico Buarque enfrentaram muitas dificuldades no exílio, mas quando voltaram ao Brasil deixaram obras amadurecidas e fabulosas. Caetano fez *Transa*, um disco denso de rock que estava anos à frente do tempo, que misturava músicas em inglês que beirava o macarrônico com baianês. Até hoje é considerado o melhor da carreira do tropicalista. Gilberto Gil decidiu seguir um caminho semelhante do amigo, mas com maior brasilidade, e criou o clássico *Expresso 2222*. Chico Buarque lançou *Construção* quando voltou ao Brasil após ter comido o pão que o diabo amassou na Itália. O disco é um marco e a música é tida como uma das melhores já feitas em eleições diversas. Acrescente aí a ousadia dos arranjos nada óbvios do maestro Rogério Duprat.

Muitas são as histórias e os artistas que marcaram a época com obras desconcertantes. Para contá-las de forma adequada, seria necessário um livro. Entre malditos, esquecidos, e gênios, os cinco primeiros anos da década de 70 mudou a música brasileira e formou a base definitiva de tudo que é feito hoje.

Os 15 melhores discos na opinião do Elefante Bu

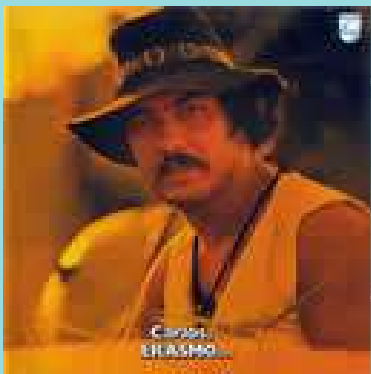


- Tim Maia – *Tim Maia* – 1970
- Divina Comédia ou Ando meio Desligado – *Mutantes* – 1970
- Carlos, Erasmo – *Erasmo Carlos* – 1971
- Fa-Tal – *Gal Costa* – 1971
- Construção – *Chico Buarque* – 1971
- Transa – *Caetano Veloso* - 1971
- Expresso 2222 – *Gilberto Gil* – 1972
- Acabou Chorare – *Novos Baianos* – 1972
- Clube da Esquina – *Milton Nascimento e Lô Borges* – 1972
- Secos e Molhados – *Secos e Molhados* – 1973
- Ou Não – *Walter Franco* – 1973
- Lóki – *Arnaldo Baptista* – 1974
- Fruto Proibido – *Rita Lee & Tutti Frutti* - 1975
- Novo Aeon – *Raul Seixas* – 1975
- Estudando o Samba – *Tom Zé* – 1975

Outras escolhas dos leitores/parceiros do Elebu

- Negro é Lindo – *Jorge Ben* – 1970
- Passado, Presente & Futuro – *Sá, Rodrix & Guarabyra* - 1972
- Em Busca do Ouro – *Ruy Maurity Trio* – 1972
- Hoje é o Primeiro Dia do Resto da Sua Vida – *Rita Lee (Mutantes)* – 1972
- Manera Frufru, Manera – *Fagner* – 1973
- Eu Quero é Botar Meu Bloco na Rua – *Sérgio Sampaio* – 1973
- Krig-Ha, Bandolo! – *Raul Seixas* – 1973
- Pérola Negra – *Luiz Melodia* - 1973
- Aprendendo a Nadar – *Jards Macalé* – 1974
- A Tábua Esmeralda – *Jorge Ben* – 1974
- O Romance do Pavão Misterioso – *Ednardo* – 1974
- Racional Vol. 1 – *Tim Maia* – 1974
- A Palo Seco – *Belchior* – 1974





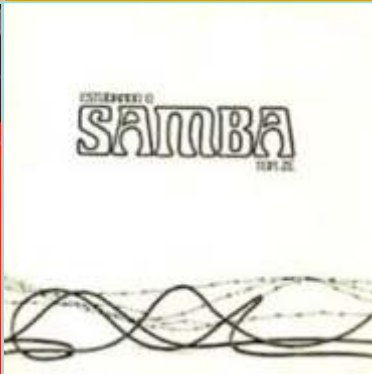
Carlos, Erasmo – Erasmo Carlos

Acho que é o ponto certo entre o rock, a psicodelia e toques de MPB - além de ser belamente arranjado etc. (Marcelo Mendes)

Além de ter composições boas, é um disco rock, é universal, tem uma atmosfera sensacional, uma "vibe" boa, pra frente. Ele me parece bem honesto e despretensioso. (Vinícius Mitchel)

Divina Comédia ou Ando meio Desligado - Mutantes

O álbum da Mutantes é um marco na música para mim, pois tem toda uma estética que para alguns pode até parecer marcada pela sua época, mas para mim não. Tanto as músicas quanto as letras se destacam e são muito melhores do que muitas coisas que encontramos hoje, até mesmo de bandas muito boas. É um disco psicodélico que não soa chato. (Manoel Guimarães)



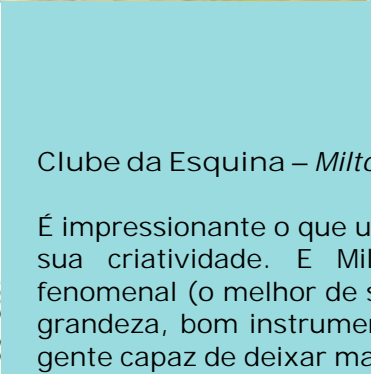
Lóki – Arnaldo Baptista

Novo Aeon – Raul Seixas

Lóki, do Arnaldo, é demais - e ainda tem uma certa puerilidade, uma certa ironia, que faz do disco grande - apesar de pequeno! (Marcelo Mendes)

Novo Aeon do Raul tem umas das melhores músicas do cara. Tu és o MDC, A Maçã, Tente outra vez. Encontramos Raul numa época que o favorecia. Uma época em que ele se sentia bem em mostrar suas mágoas e esperanças, tudo através da música. (Manoel Guimarães)

O disco Novo Aeon foi, na minha opinião, o melhor lançado por Raul Seixas, com músicas/hits como Rock do Diabo e Novo Aeon. Até hoje não consigo parar de escutar esse disco. (Rodrigo Cruz)



Clube da Esquina – Milton Nascimento e Lô Borges

Construção – Chico Buarque

É impressionante o que um gênio consegue fazer no auge de sua criatividade. E Milton Nascimento era um cantor fenomenal (o melhor de sua época), compositor de primeira grandeza, bom instrumentista e que ainda se envolvia com gente capaz de deixar marcas na história da música. No caso aqui o Lô Borges. Clube da Esquina é registro perfeito de tudo isso. Um disco que marcou profundamente a música mineira e fez a cabeça de muita gente por aí. Isso sem mencionar a quantidade de clássicos como Trem Azul, Um Girassol da Cor do Seu Cabelo, Paisagem da Janela e as antológicas Nada Será Como Antes e Tudo Que Você Podia Ser. A sonoridade dele é outro espetáculo à parte. Representou cinco passos adiante na MPB e, assim como os Novos Baianos, mostrou como colocar o melhor do rock usando violões. (D.A)

Lindíssimo até mesmo se o julgássemos somente pela canção que dá título ao álbum. O sentido duplo (ou seria triplo?) da construção e desconstrução fascina até hoje. Não é um processo só das letras, que vão sendo construídas de forma genial, mas também a desconstrução da vida do personagem, culminando num momento de atenção enquanto seu corpo jaz ali, jogado à rua. E outras canções como Valsinha, Deus lhe pague, Cotidiano. Um senhor álbum! (Manoel Guimarães)

Estudando o Samba – Tom Zé

Sou daqueles que conheceram o Tom Zé através dos relançamentos capitaneados pelo Charles Gavin. Gosto do Estudando o Samba e gosto, em grande medida, porque ele traz a um disco de MPB o compromisso conceitual que o Rock havia introduzido na música popular poucos anos antes, com títulos como Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band, dos Beatles, e Dark Side Of The Moon, do Pink Floyd. Tom Zé assina um disco cheio de unidade, que começa pelo título sempre monossilábico das músicas (tirando a versão de A felicidade, claro), e amarra tudo ao final com um índice. (Igor Minar)

Transa – Caetano Veloso

Se alguém quer entender a importância que Jards Macalé teve na época, que comece com essa obra-prima. Ele assina todos os arranjos desse que é, até hoje, o disco mais roqueiro, denso e viajadão de Caetano Veloso. You Don't Know Me já vale o disco inteiro e mais o ingresso do show tamanho é o seu poder, apesar do inglês macarrônico. (D.A)

Contatos Imediatos



Divulgação

Quando pensa que o Autoramas viria com o som de sempre num novo disco, eles confirmam a expectativa com algo mais: vem ainda mais demolidor. *Teletransporte*, lançado no início de junho pelo Mondo 77, foi produzido pelo celebrado Kassin e Berna Ceppas. Conhecido pelas produções de Adriana Calcanhoto, Vanessa da Matta e, principalmente, da Los Hermanos, havia um temor secreto de que a dupla desse uma acalmada no som do power trio Gabriel Thomaz, Bacalhau e da "já-não-tão-nova-assim" baixista Selma Reis. O susto só ficou na imaginação e a parceria rendeu um disco com 14 músicas/hits em 14 faixas.

Se você conseguir ficar parado em faixas como *Marketeiro*, *Mundo Moderno* e *Surtei*, é melhor entrar no caixão porque você já está morto. Isso sem falar de *Digoró*, que é uma das coisas mais incríveis já vistas no rock brasileiro desta década. A música de trabalho é *Já Cansei de Te Ouvir Falar*, um rock tipicamente Autoramas, mas com uma veia mais radiofônica, que começa com os vocais de Selma, que até lembra a Simone, só que muito mais suave e afinada.

Teletransporte é uma beleza cuja presença é fundamental em qualquer discografia que se preze. E Gabriel deve mesmo ser o roqueiro mais feliz do mundo. Ele cedeu uma entrevista para o Elebu pouco antes do lançamento de *Teletransporte*. Confira.

Elefante Bu - O Autoramas está beirando a primeira década de existência com quatro discos de carreira na agulha, prêmios e a condição de ser talvez a maior e a mais importante entre as bandas indie do país. Qual é o seu olhar a respeito de todas essas conquistas?

Gabriel Thomaz - Acho que o principal é termos a nossa carreira, e conseguirmos trilhar nosso próprio caminho. Fazemos o que gostamos vamos nessa!

EleBu - E o que ainda falta a conquistar para a banda?

Gabriel - Nossa, muita coisa! Eu gostaria muito de aumentar nossa estrutura, para te dar um exemplo. A gente conversa sobre tantas coisas, temos muitas idéias. Vamos realizando o que é possível.

Elebu - E vocês sempre estão fazendo uma apresentação no exterior. Já foram no Japão, tocaram pela América Latina que fala espanhol... a recepção de uma banda que canta em português foi boa nesses locais que vocês andaram?

Gabriel - Só perguntam para gente sobre isso no Brasil. No Japão se estivéssemos cantando em finlandês ou inglês eles não iam entender nada do mesmo jeito. Assim como aqui no Brasil ouvimos um monte de coisas em inglês que quase ninguém entende nada. Não há problema nenhum cantar em português lá fora, isso é uma coisa que botaram na nossa cabeça. Agora, para fazer sucesso no mainstream nos Estados Unidos, acho que realmente cantar em inglês deve ser necessário.

Elebu - Tem alguma história bizarra de shows que gostaria de compartilhar?

Gabriel - Tem muitas, das viagens principalmente. Já vomitei em cima do palco, neguinho tocando completamente bêbado, gente que subiu no palco e desligou a tomada do amplificador... vixe!

Elebu - Os três discos anteriores são bem distintos entre si, apesar de manter a sonoridade e a assinatura inconfundível do Autoramas. Considero o primeiro mais irônico, o segundo já tem uma auto-reflexão e o terceiro é mais festivo. E como você caracterizaria esse quarto disco?

Gabriel - Acho que tem um pouco de tudo isso. Procuramos sempre colocar novas idéias. É melhor você ouvir o CD e tirar suas conclusões.

Elebu - E como foi trabalho com o Kassin, que hoje é um dos produtores mais badalados do meio musical, em especial por conta da parceria com o Los Hermanos?

Gabriel - Kassin é meu amigo há muitos anos, já havia tocado com ele no Acabou La Tequila e outros projetos, existem inclusive várias músicas que fizemos em parceria com ele no nosso repertório, *Carinha Triste* é uma delas. Já havíamos gravado várias músicas com ele, que saíram em coletâneas e discos que só foram lançados no exterior. Agora chegou a oportunidade de fazermos um CD inteiro.

Elebu - Você está a frente da organização do Ruído, festival integrante da Abrafin, que já realizou pelo menos cinco edições. Trabalhar com esse tipo de evento afinal é só prazer ou você entende como também ser uma responsabilidade para a contribuir com o crescimento da cena indie no Rio?

Gabriel - O Ruído já teve seis edições. É muito trabalhoso



Washington Ribeiro

fazer um festival. Acho que o Ruído é muito necessário pro Rio de Janeiro, é muito difícil as bandas de outras cidades virem tocar aqui. Tentamos sempre proporcionar esse tipo de oportunidade.

Elebu - Aliás, você considera que a cena indie brasileira está num bom momento não só de integração, mas também de qualidade em relação as novas bandas?

Gabriel - Acho que está se consolidando, existe hoje em todo o Brasil um circuito de casa e festivais e é relativamente fácil pras bandas lançarem discos, comparado a poucos anos atrás. Como é uma coisa nova, tem muita gente que não entende o funcionamento disso e torce o nariz. Mas gente falando mal é prova de popularidade.

Elebu - O que você acha da situação atual da cena da capital?

Gabriel - Tem muita coisa legal, destaco o Móveis pelo profissionalismo e popularidade, além de fazerem um puta show e grandes canções. Acho que eles são um exemplo de trabalho moderno e eficaz. E *Coração Empacotado*, do Lucy & Popsonics, é um hit!



Washington Ribeiro

Rock Com Viola



*Djenane Arraes
Fotos: Fábio Pellegrini*



Na embrionária cena independente de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, a dupla Filhos dos Livres, formada por Guilherme Cruz (guitarra, viola, violão e voz) e Guga Borba (violão, viola e voz), é um fenômeno. Os discos têm boas vendas, apesar de todo o material estar disponível para download no site oficial (www.filhosdoslivres.com.br). Os shows são sempre cheios, as músicas tocam nas rádios locais. E numa pequena pesquisa realizada pelo Elefante Bu entre bandas de campo Grande, Guilherme Cruz ainda apontado como o grande produtor da cidade, além de ser a personalidade da cena. E tem receita para tal sucesso? "Posso dizer que dentro do cenário do nosso estado, procuramos fazer a nossa parte, se é que isso existe", disse Guilherme. "Vamos trabalhando da forma que achamos correta, sempre tentando ampliar nossos horizontes".

Guilherme e Guga já eram músicos conhecidos em Campo Grande quando decidiram formar os Filhos dos Livres em 2003 com a missão de fazer um trabalho liberto de qualquer rótulo. É claro que o trabalho de qualquer jornalista é achar um (virou a tradição), mas é bem verdade que encontrar uma definição precisa para o que a dupla faz é uma crueldade. Se uma música lembra o

república

dos livres pensamentos

sertanejo romântico, a seguinte é um blues instrumental poderoso. E ele pode dar seqüência a uma peça com viola caipira de fazer chorar. Isso sem mencionar as misturas entre a música regional com o rock e o pop. Talvez pelas temáticas e o gostinho que a viola traz nas canções e até pelas letras que trazem uma paisagem bucólica, se poderia dizer que o som é “rock com viola”, ou então “rock do pantaneiro”.

O que se pode dizer com toda certeza é que Filhos dos Livres de fato fazem uma música comprometida com a sua região, algo que para Guilherme é algo importante, desde que venha com naturalidade. “Não adianta forçar algo que não existe como característica real. Toda música sincera me soa bem. Vejo por aqui pessoas mais jovens, com 14 e 15 anos, que gostam do nosso trabalho e começam a explorar esse mundo, o que me deixa muito feliz. A nossa cultura é muito forte, um vasto território a ser explorado, porém que exige respeito, exige sinceridade”.

E a viola é mesmo a grande vedete do som, apesar de Guilherme jurar que não exista uma motivação específica para o seu uso. “É um instrumento comum para nós aqui. Eu e o Guga tocamos viola desde bem pequenos. Eu comecei a tocar música com o violeiros quando tinha sete anos. É natural ela aflorar no nosso trabalho. Hoje uso guitarras de 12 cordas com afinação de viola e muitas das composições são feitas nela”.

Em quatro anos de carreira, os Filhos dos Livres lançaram três discos: *Tradições Distorcidas*, que teve faixas entre as mais executadas na rádios locais, *Meu Carnaval Numa Outra Estação de Natal*, que traz todas as faixas do anterior, mais duas canções inéditas e mais quatro versões acústicas ao vivo, e nesse ano lançaram *República dos Livres Pensamentos*, com incríveis 18 faixas de inéditas. “Pois é... e é grande mesmo”, brincou Guilherme. “Se o tivéssemos feito uns bons anos antes, seria um álbum duplo de vinil. Iria ser lindo. Essa foi a piração”.



Quanto maior o disco, maiores as chances do erro ou da irregularidade. A dupla Filhos dos Livres gosta de correr o risco, afinal, só faz discos gigantescos para os padrões normais. *República dos Livres Pensamentos*, no caso aqui, possui 18 faixas que se diferem substancialmente entre si. É evidente que a Guilherme Cruz e Guga Borba procuram viajar nos estilos de forma a não se repetirem, mas não são todos os que eles dominam, o que provoca certa irregularidade.

O disco começa com a “fórmula” que tornou a banda conhecida com a música *Nova Fusão*, que é a da viola com rock (influências do hard rock bem evidentes), para cair direto na balada *Três Mandamentos* que puxa mais para a música romântica. Tudo isso para logo em seguida vir *O Sol*, uma letra bem melosa que começa uma bossinha e termina pop/rock. E o disco segue esse caminho com uma variação ou outra, sendo que as baladas ocupam um espaço maior, o que faz o disco arrastar um pouco. Nesse ponto, talvez se fosse um pouco menor, funcionaria melhor.

Os melhores momentos da *República dos Livres Pensamentos* são quando a dupla investe na viola e no rock. A própria faixa de abertura é muito boa, assim como a animada *Monocromo* e *Clareiras*. Mas o melhor exemplo é *Prosa*, a 16ª faixa. É uma canção bem bucólica que conciliou muito bem o tema rural com o rock. O balanço ficou jóia.

Já a grande música do disco vem em seguida, quase nos “finalmentes”. Trata-se de *Tocarraú*, um country delicioso cheio de barulhinhos e uma letra satírica de primeira a respeito de certas peculiaridades da região pantaneira. O nome é uma referência lógica ao Raul Seixas, e ao chato que grita “toca rauuuul” em todo show que se preze. Ela também faz uma alusão ao clássico *Cowboy Fora-da-Lei*, do próprio. “Quando encontrei o Véio do Rio/ eu não deixei ele entrar/ fechei a porta e fui dormir/ aqui no Sul tem dessas coisas/ aqui no Sul tem doutras coisas/ Ponta Porã tem tarraxí/ e é assim que a gente vive aqui/ e é assim que a gente ‘avéve’ aqui”.

Outra música legal e que tem uma levada bem sertaneja, é *Cantador*, a última faixa. Ok, é bem verdade que esse estilo, em especial o romântico que toca sempre nas rádios, é muito ruim. Me perdoe quem goste (se é que algum leitor desse zine aprecie), mas é intragável. É bom mesmo só pra fazer piada. Mas não é que *Cantador* ficou bom? Talvez seja por isso mesmo: lá no fundo parece uma piada com a dor-de-cotovelo sertaneja.



Cactus Cream

Quando se escuta *Disco Punk*, é inevitável não querer conhecer algo mais dos responsáveis. É uma música em inglês com influências da disco/eletrônica, mas que também é rock pra caramba. Coisa boa para ouvir em casa e nas pistas. Quem responde por ela é a Cactus Cream, uma das bandas mais legais que figuram na cena indie carioca. É coisa tão boa que até a Garota Infinito* já vestiu a camisa.

É banda com uma carreira indie de respeito que teve início no final dos anos 90 e já produziu alguns EPs e um disco, *Elefante Be Bop*. Em 2005 foi o ano que apareceram nas telas da MTV com o Banda Antes, além de repercutir o trabalho em outros meios. Após isso, a Cactus Cream deu uma parada, se reorganizou para ganhar um novo fôlego. "Em 2006, a banda não estava num bom momento. Muitos desentendimentos, excessos, diferenças musicais e pessoais e escapismos que começaram a afetar a química musical e pessoal. O chato é que o relacionamento da banda já foi muito legal, mas as coisas mudaram, acontece, fazer o quê?", disse Paulo Metello, vocalista, guitarrista e compositor da Cactus Cream. "Fizemos alguns shows e a situação foi ficando crítica, culminando com a saída de alguns membros da banda e um tempo pra repensar as coisas. Apesar disso tudo, continuamos amigos do pessoal que saiu e foi melhor pra todo mundo".

Após a turbulência, novos amigos se uniram a Paulo e equilibraram as coisas. Hoje, Flávio Abbês na outra guitarra e nos vocais, Arthur Brasil no baixo, e Mário E. na bateria fazem parte da formação atual. "Hoje nos sentimos uma banda nova de novo, pois estamos com uma nova formação e estamos muito satisfeitos com o trabalho e cheios de tesão para fazer shows. Lógico que os anos de estrada fazem você fazer música de uma forma mais exata no bom sentido", disse Paulo. "Até o caos parece ficar mais certo e seguro, mas sempre gostamos de um componente de

risco, senão a coisa perde a graça, afinal fazemos Rock. Acho que estamos fazendo a verdadeira estética do som do Cactus Cream, perdemos algumas coisas e ganhamos outras com o tempo".

E o trabalho não pára. Eles estão prestes a lançar o EP *Disco Punk Drunk*, participaram do disco tributo a Ronnie Von (que rendeu muitos elogios) e vai participar do disco tributo a Walter Franco. O que é curioso é que Paulo não escuta muito a obra deles, mas acredita que ouvir coisas com caráter mais experimental ajuda o lado mais psicodélico da banda. "Quando fomos chamados para participar desses tributos, nem esperávamos que tivesse um retorno de mídia tão grande. Foi mais pelo desafio de criar uma versão das músicas do Ronnie e do Walter com a nossa cara".

Ouçã a Cactus Cream na página www.myspace.com/cactuscream.

* *Garota Infinito* é personagem criada por Fábio Lyra que ficou famosa nas páginas da revista *Mosh!* e em breve deve ganhar uma *Graphic Novel* exclusiva com 90 páginas a ser lançada pela editora *Desiderata*.



A Banda

de um amigo meu



Há certas bandas que você cria uma simpatia imediata, por causa do som, do nome, ou pelo um bate-papo bacana. O trio A Banda de Um Amigo Meu, de Belo Horizonte, se encaixa bem em todos esses itens. Ele é formado por Rafael Coimbra (guitarra, baixo, voz), Davi Aguiar (guitarra, baixo, voz) e Fred Calazans (bateria), sendo que os dois primeiros se revezam nos vocais e nos instrumentos. Começaram em 2005 e ainda não lançaram nenhum EP ou registro oficial, embora já tenha um bom repertório para tal.

O trio chamou a atenção após a participação no disco tributo a Ronnie Von com *De Como Meu Herói Flash Gordon Irá Levar-me a Alfa Centauro, Meu Verdadeiro Lar (!)*. Imagine uma música que misture mundo geek com LSD. E o grande mérito da versão dos mineiros foi conseguir deixar o climão da música intacta, sem a preocupação de trazer o tema para a atualidade, até porque não teria mesmo sentido. Só por apresentar tal sensibilidade, vê-se que a garotada tem algo mais a oferecer.

É possível ouvir algumas outras faixas no MySpace dessa galera. *Dela*, um rock com gostinho de antiguidade, se aproxima da versão de Ronnie Von. Mas a melhor canção até agora é *Ela Não Quis Me Levar*, que tem uma pegada

mais forte e tem todo o jeitão de que levanta o público nos shows. Há também a delicada *Não Sei*, para mostrar que não só de viagens intergalácticas vive a banda. Todas essas músicas devem ser incluídas no primeiro EP.

Enquanto ele não vem, o trio de BH continua a rodar por Minas Gerais nos bares da vida, misturando material próprio com os covers inicialmente necessários, que no caso vão desde Chico Buarque até The Strokes. Para ouvir A Banda de Um Amigo Meu visite www.myspace.com/abandadeumamigomeu





Cuiabá/ MT

Festival Volume



por Dewis Caldas

Fotos: Volume Comunicação

Primeiro dia de Festival, veja o maranhense Que Belleza de Corações em Fúria!!

Éguas(1), ontem cheguei na Casa Fora do Eixo umas 10h, e já tinha uma galera, conversei ali, outra aqui e saí me esquivando até entrar. Vou no *desdôbro(2)*. É o primeiro Festival da Volume. Na verdade um pá de coisas já tava acontecendo antes mesmo da noite cair, fui lá no *Espaço Cubo* pra participar da coletiva de imprensa e da Web Rádio, o pessoal do Daniel Belleza e os Corações em Fúria chegou foi cedo e já foram logo para a gravação da Web Tv, que a Próxima Cena ta organizando. Aí pensei, *marapá(3)*, esse negocio aí até que ficou legal, deixa só sair aí na net.

Quando entro de verdade na *Casa* me espanto, *Que Diabéisso macho(4)*, É um punk aqui, um metaleiro na parede, outro desinformado, saia, calça, sutiã. Fico pensando, se num tem algo a ver com as bandas do dia. E depois de tanto pensar, chego à conclusão que sim, de tantas diferenças em estilos trás a excelência ao ambiente. E que excelência. Falo isso pelo carinho do Bar: - *Só tem gata aqui veio*. O público do festival é totalmente diferente ao público que frequenta a casa semanalmente. Digamos que só poderíamos vê-los de fato em um festival com esse porte. Primeiro Volume Festival, bandas de responsa, qualidade sonora, tudo isso contribuindo para um fortalecimento da cena e para o bem estar da galera presente.

A Bucéfalo Alquimia entra, mas de um modo diferente, sem todo aquele pulo e vulto. Achei até estranho, acostumado em ver o Lucas, vocalista, empurrando o chão pra baixo. Fico então aqui pra ressaltar o novo baixista, *Barney* (acho que é assim que escreve) um carinho novo aí, pelo que vi pinkfloydyano. Ele tocou bem, só que o som não tava tão bem regulado, isso atrapalhou, e tirou o brilho da estréia. Tomara que da próxima vez fique tudo ok. Opa!

Acendi um *guerot's(5)*

Que entre a segunda banda. A *pexada(6)* dessa vez é o Dope Dick, que vêm evoluindo. Seu *power pop* já ta aglomerando a galera na frente do palco. Liderados pelo vocalista e guitarrista *Welliton Moraes*, foi até um show redondo, com uma cozinha bem ensaiada. O que faltou mesmo foi mais animação, uma maior presença de palco daria um *megaplushiperssupersnigth(7)* gás na apresentação. Outra coisa que atrapalhou foi o volume do microfone, que deixou o vocal um pouco apagado, não dava pra ouvir direito. Vamos tomar cuidado

galera do som.

As gereberas(8) já estavam soltas pela bar, é só tomar uma geremóia(9) e cair de novo pro palco. Quem tava lá tocando era o Rhox. Levantei a mão junto com a galera, e cantei altas músicas, mesmo sem saber. Afinal, tinha que acompanhar a galera né? Pena que eles não realizaram o grande sonho, que segundo *Didier* é de tocar completamente nu (*Humm?*) e André com um alvo na barriga. Ainda rolou uma música inédita, e uma colinha sempre ajuda o vocalista. Atendendo a pedidos a banda fechou a noite com uma música que levou a galera ao ápice da animação, levante a mão! Aquele negócio de entre no clima, *batendo palmas, só pra ver com é que é!!* Gostei do show, a presença da galera ta cada vez mais forte.

Dá-lhe *Chilli!* Bem no início já deu uns problemas técnicos no palco, *Chabô*, que não é nem besta, desceu e fez uma quase entrevista com o *Rangel, baixista do Daniel Belleza*. O cara ficou até sem jeito, mas foi tudo na brincadeira. Depois da esfregação, começa o show. A gurizada toma conta da frente do palco, batendo cabeça e fazendo um coro massa. Ainda subiu uma galera pra fazer aquelas participações especiais, como a do Charlinho (*Lord Crossroad*) e performance ilustre do Chabô com a bateria. Essa quem não viu, perdeu! Chilli tá com CD no forno. Ele será lançado entre agosto e setembro, com dez faixas e distribuído pela Cubo Discos e Fósforo Records. Quer mais Mostarda? à vontade!
www.tramavirtual.com/chilli_mostarda

Aí todo mundo saiu de tudo quanto era canto. O bar que tava cheio ficou vazio. O banheiro que tinha fila, não teve mais. O sofázinho do lado ficou branquinho. Até a banda da noite entrar, que susto. Os maquiados entram no palco, que lindo! Um manto cobria Daniel Belleza, roupas ilustres foram colocadas nos Corações em Fúria. O repertório foi de clássicos à pedidos, até *Oásis* rolou - de forma *DBCF* é claro. Quando o vento sacode a cabeleira (tocando essa eu me senti em casa). Quando dei por mim a galera já tava toda no palco, todo mundo bêbado, muito louco. Olhei aquilo tudo e entendi porque esses caras são tão adorados. Acendi mais um *guerot's(5)*. E pensei, *éguas(1)!!*

Depois ainda rolou - de surpresa - Lord Crossroad, aquele show que acontece enquanto as pessoas vão embora, mas quem foi embora deve estar sofrendo agora. Confesso, foi um dos show com mais felling que já vi desses caras. Se sábado for assim. Massa. E tu cabôco, vai perder?



Segundo dia de Festival, viu o maranhense? Uma re-montagem da nação dos Popsonics

Depois daquele negócio lá de ontem, voltei pra casa *por de baixo da moita*(10) - cansado - e de bicicleta, consegui uma carona. Acordei já pra ir direto pra gravação da *Web Radio Fora do Eixo* com o Montage, fui só na *rabeira*(11). Já tinha chegado atrasado. Na entrevista, falamos um pouco dos projetos da banda, como a turnê na Europa, que vai rolar no próximo semestre, lançamento do tão esperado CD e ainda um pouco da cena do *Ceará* - lá perto da minha terra. O mais curioso na entrevista foi quando falamos sobre o quanto a internet ajuda uma banda a ser divulgar, o quanto ela promove. No caso da Montage, eles mesmos que gerenciam tudo que a banda têm, sempre presentes no *Orkut*, *fotolog*, *blogs* e etc. "*isso deixa a gente mais próximo do público, e é bem legal, a gente vai tocar em um monte de cidade e todo mundo canta no show, graças a internet, graças ao contato feito antes*" explicou Daniel Peixoto, *vocal*. A conversa foi rápida (mas tinha que ser) já estávamos atrasados. E como eu sou *veáco*(12), não vou nem vacilar.

Agora *queima raparigál véi*(13)...

Cheguei tarde na *Casa*, já com Licotype no *fusuê*(14). E fui *aloprando*(15) logo, já tava puto por chegar tarde. Olhei pro show e pensei: - que show redondo. Muito melhor do que antes!! Aos poucos o caras estão chegando lá. Que bom pra gente as idéias da banda são boas. Fui lá em baixo e dei uma

sacada no que tava rolando. Parei lá na banquinha do Escárnio e Osso, dei uma conversada com o Fábio Batista sobre como anda o coletivo em *São Paulo*, os caras estão cada vez mais organizados, estão planejando um Festival e uma maior integração com outros Estados, eu pirei.

Subi (*passo a noite toda subindo e descendo*) lá de novo, vi Cláudia's Parachute. O som continua o mesmo, as idéias continuam daquele jeito. Mas esse é o problema, sempre o mesmo. Só que fiquei ainda meio *maláco*(16) com a história do guitarrista, aquele foi o último show dele, e agora as Claudias serão um trio. Vamos ver no quê que dá.

Como já é costume, toquei fogo num *guérot's*(5)

Fui lá no banheiro, ajeitei o cabelo maranhense e voltei lá pra cima. Quem tava lá era a Strauss, banda que fez um sucesso na década de 90 e tal. E agora decidiu voltar. O show é assim: *equipamentos foda!!* Aos poucos estão pegando o ritmo dos palcos, uma caída ali, outra capengada mais em cima, mas o tempo de palco dos caras ainda tão valendo. O show é divertido, até, com músicas bem trabalhadas e as regravações de grandes clássicos do sertanejo é o charme, grande lance de tudo. *Vem cá moreeeena!!*

Diabéisso!! (17)

Aí sobe no palco uma mistura de *baião* com *reggae*, *blues* com *punk*, *grunge* com *psicodélico*, algo



como um *escárnio com osso*, *Hell City com Sampa*, *Volume com Escárnio*, há! É a Wasted Nation, de São Paulo! Show frenético, pulos aqui, gritos acolá e uma paradinha pra afinar a guitarra "Ops, achei!". O show é tão inusitado quanto as caretas do Fábio, vocalista. Em sua segunda vez em Cuiabá, e o show foi louco, declamando versos e poesias entre gritos e danças inquietas. O baixista não parou um segundo, deu *bandeira(18)* desde o primeiro acorde! Um estilo irreverente, um instrumental bem trabalhado. Enquanto via o show ali do lado do palco, ouvi um comentário de um dos ouvintes: "*Esse é o puro rock bêbado!*" Aí eu falei pode crê. Nem os vi bebendo. Rs. Eles fazem parte do núcleo Escárnio e Osso, um coletivo igual ao da Volume aqui por essas bandas. fui lá em baixo pegar um ar, não parei um minuto no WN. Me entrosei numas rodinhas. Tinha um que tava cantando *Beatles*, outra falando das banda, outra bebendo e outra só parada, sem falar nada - tem louco pra tudo nesse mundo. Quando dei por mim o show da Lucy and Popsonics já tava rolando, pulei lá na frente. Ela é uma dessas bandas que já ouvi muito falar, mas nunca tinha visto. Antes - lá na porta da Casa - conversei com a vocalista, Fernanda, sobre a cena de Brasília: - *a cena de lá é mal organizada ainda. Por ser uma cidade que teve banda que virou ícone na década de 90, eles afrouxaram, como um time que entra em campo com o pensamento "já ganhou"*, falava. Depois ainda disse que somos organizados. Fiquei com o pé atrás. Batidas e grooves melódicos fez a galera ficar até o final, logo que - como primeira impressão - vi idéias muito legais, criatividade e uma vocalista em transe, ou mais. E dessa hora o pessoal já se jogava por cima da dupla, e a Fernanda por cima deles.

Nesse traficante eu confio

Enquanto beiravam as duas da matina, a casa respirava ansiosa e meio baratinada pós Lucy and Popsonics. Na salinha lateral ao palco, entre cases de instrumentos e mesa de som, Daniel Peixoto esperava, olhos atentos e em pele montada de negro. Foi tudo muito rápido: Carlos plugou a guitarra, dois garotos da sonorização ajudavam Leco Jucá carregando a mesa amarelinha improvisada pro pequeno palco da Casa, aonde o rapaz inquieto começava a soltar alguns beats introdutórios do que viria em seguida. Algumas setenta pessoas se espremiavam no "*mosh pit*", se é que podemos chamar assim. Setenta pessoas que em sua grande parte conheciam aquele clube pela primeira vez, algumas meio atônitas, outras sorriso-aberto, outras berrinhos-estridentes. O trio abriu o show com *I trust my dealer*, música de trabalho mais antiga da banda, só pra esquentar. E esquentou. Enquanto fios loiros voavam no palco, outras cabeças e corpos se debatiam em meio a uma mistura interessantíssima: nunca a Casa Fora do Eixo conseguiu unir em um mesmo pequeno espaço o público rocker, indie e eletrônico. A pista de dança desapareceu, tamanha a curiosidade ou a vontade do público de sentir de perto a adrenalina do grupo e se render ao palco. Daniel puxava *Benflogin* ensaiando com o emaranhado de

gente o refrão da música. Foi muito bem atendido, tanto que teve seu vocal dividido com uma loira de boa garganta e bons intuitos, logo transformados em atração sexual. O vocalista não hesitou e chamou o coro para que a garota mostrasse sua comissão de frente, como já é de praxe em apresentações do grupo. Atendido mais uma vez, o *tira-tira* geral acabou tomando proporções dúbias já que os tais bons intuitos femininos não conseguiam acompanhar sequer o tempo da música e o que restou de tudo isso foi um cabeludo pagando peitinho.

Claro que até beats incrementados com um quê de funk carioca fez a galera rebolar. Leco mal olhava pro público, corcunda em frente ao notebook de trabalho e por vezes olhos fechados. Pouco antes do show havia me confidenciado que mesmo tendo tocado em grandes palcos e para público acima de vinte mil pessoas, o que o rapaz prefere são os infernais clubes noturnos aonde seus barulhos sintetizados não fogem a céu aberto. Carlos, guitarrista da também cearense O quarto das cinzas, complementava o groovebox enquanto Daniel escalava amplificadores de guitarra e tentava bulinar a arte de fundo de palco que carrega o nome da Casa. Em meio a tanta comoção, veio *Floor, floor, floor* e *Raio de Fogo*, cantadas pelo público e até por aqueles que ouviam Montage pela primeira vez. Em meio a uma e outra música a galera pedia pela famosa ode a Dayany dos Santos e Companhia Ginasta Olímpica Nacional. Finalizado o show, a desculpa veio muito bem dada do palco: nada de ter que pagar por cada vez que fizerem essa canção. E isso em meio à um festival independente organizado por uma cena que acredita na aplicação dos softwares livres, amém. A gente consegue dormir sem dançar por aquelas musas, e muito bem, já que as musas da noite até pareciam ginastas maquiadas e montadas para a ocasião, recebendo braços-abertos pílulas não muito alucinógenas mas divertidíssimas daquele traficante loiro de meia-calça a cada arranhada de garganta febril.

Terceiro dia de festival, último dia ficou tudo Trúvo(19)

Antes do show perguntei com o *Gustavo Vazquez*, baixista do MQN, se eles iriam quebrar tudo no show, e ele brincou: - Não, os P.A.s são caros. Eu, na minha ingenuidade, acreditei. Como todos os outros dias, a tarde fui para a coletiva de imprensa lá no Espaço Cubo, quem chegou por lá foi o Fabrício Nobre, que além de vocalista do MQN, também é presidente da Abrafin - *Associação Brasileira de Festivais Independentes*. Já fomos sentando e começamos em assuntos rápidos uns apanhados sobre as diferentes cenas pelo Brasil, já que ele vai em quase todos os festivais. Um dos fatores mais interessantes abordados foi a organização e o empenho que os produtores de festivais estão fazendo em seus Estados, que a cada ano melhoram seus festivais, trazendo bandas gringas - por exemplo. Nobre, que além de toda essa articulação já tem uns 15 anos de cena rock, e da

conversa saiu tanta história, bom demaáais (*eita Goiânia*). De lá, fomos correndo pro estúdio pra fazer a Web Rádio, pelo programa *Fora do Eixo*. Os assuntos de lá foram mais ambientados em torno da banda, novos projetos e trabalhos paralelos que em breve serão disponibilizados, *fique atento!*

Quando entrei na Casa Fora do Eixo Snorks já tava tocando. Depois de ver tantos show dessa gurizada, tanto *caqueado (20)*, deu pra perceber o quanto as lacunas foram preenchidas com o novo guitarrista. The Melt foi a segunda banda e fez nequinho perder a cabeça, verdade mesmo. Desde a saída de Carneiro, a banda nunca tinha se apresentado com tanta autoridade e eficácia como na noite de ontem, em todos os aspectos. *Julio* desceu a mão, me fazendo pular de verdade. *Michael* cada vez mais completo e *Fornalha* pegando o jeito pra coisa. "Entre as bandas novas de Cuiabá, essa é a melhor", explicava alucinado e fazendo jóia a cada musica dos Meltmans o nobríssimo *Fabrcio Nobre*. Dá-lhes The Melt.

E nesse sotaque goiano, entra o Goldfish Memories, banda quase que nova ainda, iniciou suas atividades no ano passado. Acabaram de lançar EP e tão com todo gás para correr os *festivals*. Eles são uma das bandas de Goiânia que foram fortemente influenciados pelo *MQN*, sendo um dos grandes destaques nesses novos tempos. As guitarras distorcidas mostram a influência *stoner*, e ainda um *caqueado (20)* de *hard rock*. Sendo a primeira vez aqui em Cuiabá, a galera ficou naquela, sacando qual era a dos caras. Ao final, deu de boa! Um som redondo, não tão bêbado, rs. Uma boa preparação para o Lord Crossroad, que fez um show bêbado e excitante. Só vi os pulos, mas também, o mesmo repertório sempre. O pessoal já sabe de *cor* (e salteado). Há Só nas *Frechêras(21)* do PC, com a galera da Volume Sonorização se desdobrando pra segurar o público que insistia em invadir o palco.

Quando Macaco Bong subiu ao palco, ninguém conseguia mais piscar com tanta informação vinda de três rapazes, faz tempo que

não via um som tão chocante. Só pessoas assustadas, perplexas para não perder nenhuma nota da banda. *Kayapy*, de tão intenso, conseguiu rebentar as cordas da sua guitarra duas vezes, o que não estragou em nada a apresentação, afinal quem tem *Ynaiã* e *Ney* não precisa se preocupar muito. Teve até música nova, e as antigas ficaram mais viscerais. Cheguei pro guitarrista e perguntei, o que aconteceu em Goiânia? Eles acabaram de se apresentar no Máxxxima, Festival Instrumental em Goiás. E no Porão do Rock, em *Brasília*, com um show comentadíssimo. Esses vão longe.

Pra fechar tudo, noite e Festival, quem subiu foi a lendária *MQN*. Só pra ter uma idéia, só faltam 6 capitais brasileiras para completar os shows da banda pelo Brasil todo. Junto com o público podia se ver Daniel Belleza sem os seus corações, mas "Em Fúria". A cada música, *Daniel* ia lá reabastecer *Fabrcio* com um gole de cerveja. Eu já tava *cabreiro (22)*, já vi que ia rolar alguma coisa por ali.

Puxa o rabo da gata (23)

Dentre os três dias, com certeza a noite de sábado foi a mais estrondosa em termos de *potência, pegada e alucinação*. Mesmo sem microfones (pifaram todos) a banda não parou e a galera presente cantou uma musica inteira só no gogó. Engraçado que quando desligou tudo, um carinha gritou: - faz acústico... Acústico é o caralho, completou *Fabrcio*. Nessa hora, já perto do final, sentei um pouco, o cansaço desses três dias já estavam me acabando. Mas ainda bem que não fui embora, o final foi de dar medo. Com a participação de *Kayapy*, a banda fechou a noite destruindo tudo que tinha pela frente, isso mesmo, prova de que o *Vazquez* tinha mentido pra mim. O vocalista, junto com o tal de *Daniel Belleza*, já tava louco, bêbado, e no palco começaram a desmontar a bateria, baixo, pratos, cerveja pro alto, o guitarrista do Macaco começou a puxar todas as cordas até quebrar. Quando olhei mais de perto só vi cada um com um pedaço da bateria na mão, batendo com pedaços de baqueta. Agora sim, acabou o Festival. Eu vou é voltar pro Maranhão, que esse negócio aí nunca dá certo.

Pequeno Dicionário Maranhece

- 1 - Éguas: algo como se espantar; Vôti, Uái, Tchê.
- 2 - Desdôbro: de desviar, como se o assunto não fosse com ele.
- 3 - Marapá: corresponde a *Mas rapaz! o que é isso?*
- 4 - Que Diabéisso macho: que porra é essa, cara?
- 5 - Guerot's: cigarro, um Derby azul. O melhor!
- 6 - Pexada: embromação
- 7 - Megaplushiperssupersnigth: Acabei de inventar.
- 8 - Gereberas: gereberas são gereberas
- 9 - Geremóia: Cachaça de alambique
- 10 - por de baixo da moita: mocado; se escondendo
- 11 - rabeira: acompanhando
- 12 - veáco: macaco velho

- 13 - queima raparigál véi: expressão; o mesmo que: Puxa o rabo da gata
- 14 - fusuê: confusão; furdunço
- 15 - aloprando: todo louco; desastrado
- 16 - maláco: mala; que não é besta
- 17 - Diabéisso: apelido para Diabéisso macho
- 18 - bandeira: indiscreto; que tem o estilo: cheguei
- 19 - Trúvo: escuro; negro
- 20 - Caqueado: embromação; bater o migué
- 21 - Frechêras: caminho, quando se anda pelo meio da mata, cortando caminho
- 22 - Cabreiro: desconfiado
- 23 - Puxa o rabo da gata: o mesmo que Queima raparigál véi

Espelho, espelho meu...

Georgiana Calimeris

“Existe alguém mais bonita que eu?” dizia a má-drasta da pobre Branca de Neve. Mas, espere lá, quem nunca se olhou no espelho com olhos brilhantes e, secretamente, fez a mesma pergunta que a madrasta? Aos olhos de Neil Gaiman, no conto *Neve, Vidro e Maçãs*, a vilã é a Branca de Neve. Gosto da versão dele. No entanto, a verdade é que na Antiguidade quando nobres tornavam a se casar, as filhas do primeiro casamento perdiam todo o status. Assim é em outros tantos contos de fadas. Lá vou eu me perdendo no encantado mundo das fadas. De volta ao mundo da madrasta, o espelho sempre lhe dizia a verdade e quantas vezes gostaríamos que os nossos espelhos nos respondessem: não há no reino mulher mais bonita que tu!

Pelo conto de fada, o que importava ali era a aparência física e não o que havia por dentro. Se assim o fosse, a madrasta jamais poderia ser vista como bela, pois, seu coração se enchia de veneno e inveja de Branca de Neve. Esse conto nos serve como um momento de reflexão para importantes paradoxos em nossa sociedade: a preocupação excessiva com a aparência. Não sei exatamente quando e como a coisa começa, mas, falo dos tempos em que vivo. Nunca houve uma preocupação tão angustiante com a aparência como nos dias de hoje. Tudo acaba se voltando ao culto ao corpo. Somos constantemente bombardeados com informações de que ser magra é que vai tornar uma mulher atraente aos olhos do sexo oposto. Besteira! Homens gostam de mulheres que tenham onde pegar. Perdoem-me o vocabulário ou, talvez, a má escrita. Mas, tive e tenho muitos amigos e quase a maioria prefere mulheres proporcionais ao seu tamanho e que tenham alguma gordurinha, se é que me entendem!

Então, apenas umas poucas, que ganharam na loteria genética (aos olhos de outras mulheres, porque tenho a sensação de que se vestem para as outras mulheres) têm o biótipo desejado por tantas outras. Há uma imposição de padrões estéticos no mundo, praticamente impossíveis de se atingir. Em outros tempos, magreza excessiva era sinal de doença. Acredito que ainda seja porque muitas doenças ainda deixam as pessoas com rosto chupado e ossos à mostra sob a pele. No entanto, esta imposição silenciosa faz com que seres

humanos normais partam em busca do corpo mais perfeito (de acordo com as revistas de moda, as propagandas de TV, desfiles etc) caindo em terríveis armadilhas psicológicas tais como bulimia e anorexia nervosa. Afinal, ter banha parece ser um pecado mortal! Bem, se eu estivesse em algum lugar muito frio, seria bastante interessante ter um pouco de gordura, afinal, ela me ajudaria a sobreviver, mas, não preciso ir muito longe. Já estive magra e já cheguei perto de um ataque de hipotermia por ter pouca gordura no corpo em uma ida a uma cachoeira. Não, não é divertido!

Bom, onde quero chegar com toda essa baboseira sobre magreza, hipotermia e gordura? No desespero de que algumas pessoas (para não dizer o mundo inteiro) têm para se ter o corpo ideal, padronizado ao longo dos anos pela mídia, um lugar onde quem tem mais peso não tem vez. Basta entrar em lojas de departamento, os números das roupas agora servem apenas ao biótipo longelineo! Mas, oras bolas, a genética criou tipos diferentes e é triste de pensar, mas, no caso de uma era do gelo, os magros iriam de mal a pior, talvez, seriam os primeiros a morrer. Deveríamos, sim, nos preocupar em sermos saudáveis e felizes, não buscar a nossa felicidade na forma física, mas, no bem-estar geral, na capacidade de rir, de ser humano, de se aceitar humano e, com isso, aceitar que todos nós temos uma madrasta dentro de nós, de que ela deve se abraçada com sabedoria e não rejeitada e, talvez, ao fazer as pazes com este lado nosso que nos parece cruel, encontraremos em sua sabedoria mágica a capacidade dos alquimistas: de transformar chumbo em ouro.





para ver

Proibido Proibir

Idéias e Opiniões de Jorge Durán

O chileno Jorge Durán é cineasta com contribuições importantíssimas nas produções nacionais. Radicado no Brasil desde o início da década de 70, participou de obras de forte mensagem social e política como *Flávio Lúcio, o passageiro da agonia* (1977), o emblemático *Pixote, a lei do mais fraco* (1981), e *Como Nascem os Anjos* (1996). Ainda nos anos 80 debutou na direção do premiado *A Cor do Seu Destino* (1987).

Neste ano Durán surpreendeu com *Proibido Proibir* ao mostrar um retrato naturalista do meio universitário por meio dos personagens Paulo (Caio Blat), Leon (Alexandre Rodrigues) e Letícia (Maria Flor). A história é um triângulo amoroso, mas as coisas são levadas a um patamar bem mais profundo na medida que a mensagem sociopolítica passa a se evidenciar. *Proibido Proibir* foi um dos filmes mais elogiados da temporada e faturou diversos prêmios. O mais recente foi o 11º Festival de Cinema Brasileiro de Miami para melhor filme, melhor diretor (Jorge Durán) e melhor ator (Caio Blat).

Elefante Bu - Há um hiato de 20 anos entre "A Cor do seu Destino" e "Proibido Proibir". E você já está com um terceiro longa por vir. Então por que desse considerável entre uma produção e outra?

Jorge Durán - Tive três projetos anteriores para os quais não consegui recursos. Um deles é o que vou rodar no fim do ano. Esse mesmo projeto foi rejeitado em outros concursos e recebeu recursos somente no ano passado. O por que disso? Não sou eu quem tem a resposta. Viajei pelo mundo buscando grana, mas sou de classe média, roteirista e professor: com esses recursos que ganho, é difícil tocar projetos. Por outro lado são menos de 20 anos: teve uns dez, depois do Plano Collor, que pouco se fez. Na mesma categoria dos 20 anos sem rodar, você pode colocar a Suzana Amaral e o Roberto Grevitz, os dois, muito bons cineastas. Por fim, quando o Collor fechou a Embrafilme, eu ia rodar meu segundo longa metragem, o que não ocorreu por motivos óbvios.

Elebu - "Proibido Proibir" teve orçamento de R\$ 1,2 milhões, um valor que há poucos anos teria status de super-produção nacional no início da década. Além de valores, o que mais mudou no cinema brasileiro nesses últimos sete anos?

Durán - Não há forma de fazer comparações, porque com a inflação dos anos 70 e 80, mais os planos econômicos sucessivos, qualquer opinião é chute. Vou dar um chute: o preço do ingresso nos anos 70 e 80 era de U\$ 0,60. Hoje anda pelos dólares. As equipes ficaram maiores, os laboratórios mais sofisticados, mas todos os insumos do cinema são importados. Do negativo à câmera, luzes, etc. Muita gente passou a trabalhar na TV, na publicidade e no cinema. As diferenças salariais são enormes. Mas as pessoas passaram a ganhar mais. O único que não aumentou de preço foi o salário mínimo. Quer dizer, neste governo aumentou uns 25 a 30 reais.



Elebu – Falando do seu mais recente filme, é inevitável não relacionar o nome com a música de Caetano e também com um dos lemas da revolução estudantil francesa de 1968. Isso causa certo estranhamento porque não vejo muita relação com o que aconteceu naquela época com a realidade cotidiano dos universitários. O "proibido proibir" virou uma expressão de efeito na boca de um dos protagonistas.

Durán - Acredito que qualquer jovem bem informado - o Paulo do filme é bem informado, conhece a musica de Caetano e o lema escrito nas muralhas de Paris. Para Paulo, usar essa frase serve de escudo para se proteger da realidade hostil e dolorosa no hospital e na rua. Como você vê no filme, a frase fica sem resposta quando , no fim, Letícia a usa contra ele. E anteriormente, o manda parar de falar babaquices quando usa a frasezinha. Quando Paulo fala para Letícia na cena na piscina que "é uma sereia belíssima, e deveria que ter tampado as orelhas com cera, e ela o chama de Ulisses", certamente que é porque leram a Odisséia. É bem verdade que nenhuma escola faz os jovens ler esse, ou outros textos essenciais. Ser desinformado é uma opção pessoal, em certos casos. Mas esse é um problema grave se você é um estudante universitário. Então fiz personagens que gostam de estudar e são bem informados. Sei que há jovens que não gostam de estudar, mas neles não estava interessado nesse filme.

Elebu - Você mostra no filme que o universitário de hoje não é apático, mas um sujeito meio impotente diante da realidade que é brutal. Mas não é justamente a apatia que caracteriza essa atual geração?

Durán - Eu digo no filme que "estes rapazes gostam de estudar" e são bons estudantes. Ponto. Não digo, como alguns comentaristas de cinema entenderam, que eles são politizados: eles fazem o básico que qualquer estudante faz. Um estudante de sociologia vai ao

subúrbio para fazer pesquisa, como o Professor comenta em sala de aula no filme. Não vai por motivos políticos ou bom coração. Isso é o que o filme mostra. O que passa pela cabeça de quem vê o filme, isso não é problema meu. Mas é melhor olhar com atenção o que os personagens fazem e dizem. Olhar a cidade, fazer pesquisa no subúrbio ou em qualquer lugar, se relacionar com pacientes, seriam coisas normais para estudantes de arquitetura, sociologia ou medicina. Mas, insisto, há quem veja por trás disso, interesse político neles. Viram o que nunca foi escrito nem está na tela. Quando vão ao subúrbio, vão procurar o filho de uma mulher doente. Não vamos pensar que querem fazer a revolução. Quando Leon tenta tirar o menino da comunidade e o levar para Brasília, é porque acha que é simples, nada heróico, somente um gesto humanitário. Uma aventura humanitária.

Impotente diante de uma realidade brutal fica qualquer um: você, eu, a torcida do Flamengo. Somos ultrapassados por uma desordem institucional terrível. Não acho apática esta geração, pelo contrario, a vejo trabalhando muito, se virando para conseguir trabalho, para sobreviver. Seria isso mostra de apatia? Politicamente desinteressada ela é de fato. Mas com esse quadro das últimas semanas, com a corrupção no judiciário, na polícia, no setor financeiro, quem poderia se interessar muito no tema? Considero esse um problema gravíssimo, porque sem uma ordem política, sem projetos, em que rumo caminha o país? E a pergunta que eu lhe faço: quando o Brasil teve uma ordem política? Quando o Brasil teve partidos políticos?

Elebu - E *Proibido Proibir* é ambientado na zona norte do Rio e há situações que, de certa forma, faz com que ele possa ser enquadrado nos três grupões do cinema brasileiro: ditadura militar - periferia/violência - drama nordestino. Por que essas escolhas são tão comuns entre os cineastas do país?



Durán - Bom. Me permito discordar com fatos, da sua classificação. Começo com o meu: Proibido, é essencialmente um filme sobre a universidade e aqueles que por ela circulam. Não vejo que tem a ver esse filme com a ditadura. Com a periferia tem a ver. Isso é certo: há quem se interesse nos namoricos dos jovens, há quem se interesse no país. Me enquadro no último grupo. E o país é miserável, na sua maior parte, sufocado pelo subúrbio miserável procurando sobreviver, entregue às baratas. Eu não vivo no "condomínio Zona Sul", isolado do resto do Brasil. De nordestino tenho nada: sou chileno e o tema não é do meu interesse. O que acho estranho, mas isso não é uma crítica, é alguém estranhar que num país tão miserável e desigual, alguém ache esses temas repetitivos ou superados. Ora, eu vou para Europa uma ou duas vezes por ano. Mas sei que tem gente, no nordeste e em qualquer esquina do Brasil, que não tem nem casa nem comida na mesa. Certamente que se fizessem mais filmes, e eles tivessem saída nos cinemas, a diversidade de temas seria maior. Alias, a diversidade é grande. Só não vê quem não vai sempre ao cinema: Andrucha, Sandra Werneck, Tata Amaral, todos os filmes próximos da Globo, Sergio Rezende, Tizuka Yamasaki, Ugo Georgetti, Gal, Cláudio Torres, Hector Babenco, José Joffily, Ana Carolina, Heito Dhalia, Murilo Salles, Roberto Gervitz, que eu saiba não trabalham com nenhuma das realidades que você cita. Alguns deles abordaram esses temas, mas certamente não é o único tema que trataram. Então, como pode se sustentar sua classificação?

Elebu - É muito comum as pessoas explicarem a baixa bilheteria de muitos dos filmes nacionais por serem de difícil compreensão. Aquela frase "filme brasileiro é para sociólogo" é recorrente. E a gente vê que as maiores bilheterias são de filmes de enredo fácil como "A Grande Família", "A Partilha", "Carandiru" e até "Cidade de Deus". Os filmes dos Trapalhões na década de 80 eram líderes de bilheteria, assim com os da Xuxa na

atualidade... Enquanto que produções como "O Cheiro do Ralo", "Amarelo Manga" e até as produções do Glauber e de todo o Cinema Novo geralmente pescam um público mais acadêmico. Mas afinal, o cinema brasileiro é mesmo difícil ou o público é que tem preguiça?

Durán - Acredito que os filmes, que você mencionou como os que o público prefere ver, são, alguns deles, uma entretenção boa. Aqueles outros se propõem refletir sobre o Brasil, sobre o ser humano, ou apenas querem se ocupar de explorar narrativas originais. O público, me parece, está acostumado a ver filmes simples. Isso ocorre há décadas. Ficar tentando entender as idéias de um realizador ou de um filme, é para quem gosta disso. Mas acho que o público - e o de quase todo o resto do mundo - segue o ritmo hegemônico do filme americano, entre os quais, a quantidade de fracassos nunca são mencionados por aqui. Acontece que devem estrear nos cinemas brasileiras enorme quantidade de filmes americanos que não funcionam. Mas somente sabemos dos filmes, poucos, americanos que funcionam. E tudo se sabe da vida dos filme brasileiros, seja que agradem ou não. Na imprensa não é diferente: a revista Contigo vende muito mais que a Carta Capital, ou a Piauí. Na televisão as telenovelas são vistas por muita gente, os programas da TV cultura somente por quem gosta. Na literatura, o sujeito se mata escrevendo para vender 500 exemplares, quando isso ocorre. Se você reparar na quantidade de páginas que a imprensa dedicou ao Homem Aranha, vai ver que uma indústria - a Norte Americana - é isso: um complexo de interesses muito poderosos. Porque embora muitos, inclusive eu, goste do Homem Aranha por meia hora, o filme é um besteiro panfletário americanóide asqueroso. Mas a imprensa tem estômago de ferro e enche páginas e manchetes. Deve ser de graça e por puro amor sincero "a sétima arte". Será que eles tanto amor para dar? E o dono do cinema que é brasileiro puro, mas tira de cartaz filme brasileiro, mesmo que ele esteja dando uma renda média? E por aí vai!

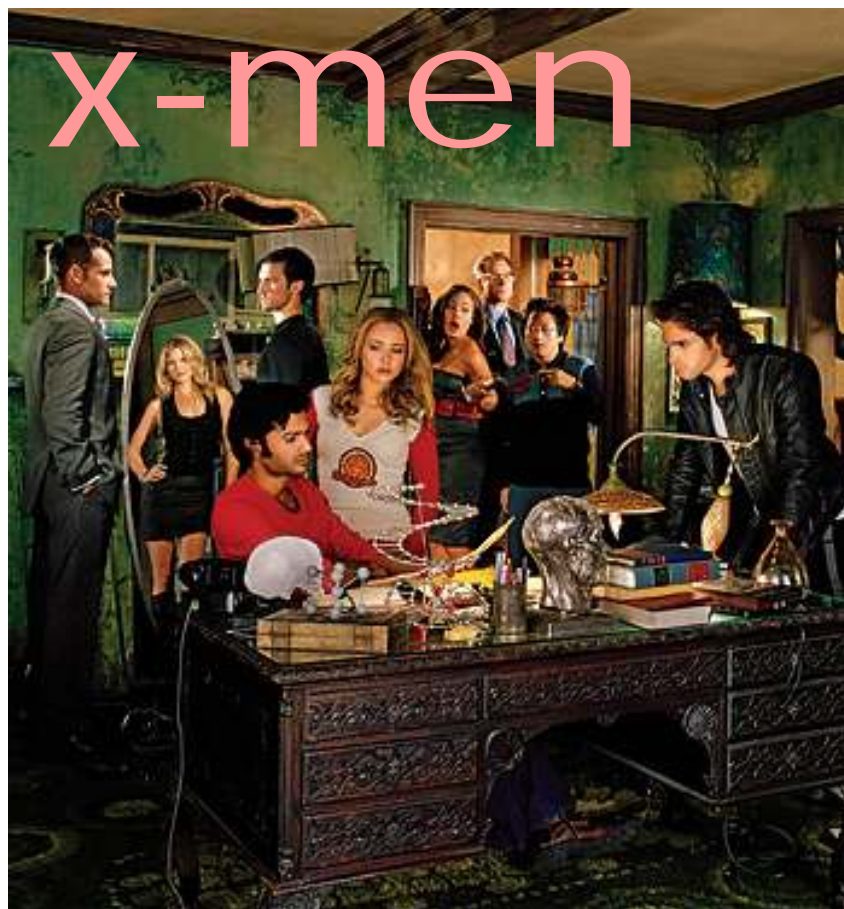


novos x-men

O criador do hit *Heroes*, Tim Kring, declarou que não tem a menor idéia de como vai terminar o seriado. Tudo que se sabe até agora é que os planos são criar histórias com início meio e fim para cada temporada, dessa forma é possível matar, tirar personagens de circulação, colocar novos e fazer trocentos rolos sem comprometer a trama principal da temporada. Afinal, a idéia de *Heroes* é mostrar como gente comum se comporta quando descobre ter poderes especiais.

Mas existem certas diretrizes colocadas na primeira e bem-sucedida temporada que não podem ser mudadas tão facilmente, a não ser que você comece a fazer uma trama de realidades paralelas. E o que os produtores conseguiram foi cair feio na armadilha dos quadrinhos clássicos. Não apenas fizeram a trama da primeira temporada ser um quase plágio de *Watchmen*, de Frank Miller, como relacionaram toda a história com o drama dos X-Men. A diferença é que não existe um grupo de super-heróis com uniformes coloridos lutando contra super-vilões megalomaniacos.

O que se sabe em *Heroes* é que de fato existiu um grupo de super-poderosos que tentou fazer a diferença, mas em algum momento foram corrompidos (*Watchmen*). Alguns deles montaram uma organização secreta que tinha o objetivo de estudar e cadastrar pessoas com poderes especiais, ou seja, mutantes, só que sem usar esse nome (*X-Men*). Mas o grande objetivo desses primeiros poderosos era manipular



alguns dos personagens para que eles pudessem exercer o papel de forma correta. Tudo culminaria na explosão do simpático Peter Petrelli, cujo poder era absorver outros poderes (alguém aí se lembrou da Vampira?). Ele se tornaria radioativo e destruiria metade de Nova York. Dessa forma o seu irmão, o homem-voador Nathan Petrelli assumiria o poder, se tornando líder da nação e seria controlado diretamente pela tal organização. Puro *Watchmen*.

Mas Hiro Nakamura voltou no tempo para tentar salvar Clarie Bennet, filha ilegítima de Nathan, cujo poder é de regeneração. Clarie é o Wolverine sem garras de adamantium. Paralelo a isso tudo, eles ainda tiveram de lidar com a ameaça de Sylar, que funcionava como um parasita. Ele matava os "mutantes" e comia o cérebro para roubar seus poderes.

Durante um dos episódios que se passava cinco anos no futuro da trama regular, foi mostrado que as pessoas com super-poderes eram odiadas pelas normais. E não havia cura e nem nada que pudesse ser feito, porque era um processo natural. Enquanto o governo repreendia, pessoas trabalhavam por debaixo dos panos para garantir a segurança e uma vida normal para os mutantes.

A questão é que com o fim da primeira temporada, os produtores não conseguiram desvencilhar a história de *Heroes* com a trama central dos X-Men, o que gera um impasse e pode comprometer o futuro da série. Eles não podem mais substituir grande parte dos personagens da primeira temporada para não perder a empatia já criada com o público, e nem ignorar a história mutante ou tudo ficaria sem nexos.

Se os produtores não sabem como terminar a trama, nos quadrinhos é que dificilmente encontrarão uma solução. Em contrapartida, a quantidade de histórias legais que poderão "copiar" está em muitos gibis.



Akira

Rúbia Cunha

Em uma época, em que o termo **cyberpunk* estava sendo muito utilizado, Katsuhiro Otomo trouxe ao conhecimento público um dos mangás mais conhecidos na área. Ele ousou ao mostrar uma terceira guerra mundial, que devastou Tokyo completamente. A princípio, a corrupção governamental, associada às forças militares, escondeu o verdadeiro motivo da guerra e o que desencadeou a explosão devastadora. Foram necessários trinta e um anos para que tudo fosse reconstruído. Mas, a decadência se alastrou, protestos se transformaram em guerras civis, drogas eram conseguidas facilmente, brigas de gangue eram o cenário principal do dia-a-dia da juventude, instituições escolares não possuíam moral sobre seus alunos, a polícia controlava a multidão através da violência e abuso de poder, e atentados terroristas eram comuns na cidade de Neo-Tokyo.

Mas, Katsuhiro ousou mais ainda ao adaptar seus quadrinhos em uma película de mesmo nome: *Akira*.

A animação possui um cenário decadente. As cenas de violência não desperdiçam detalhes, mostrando uma pintura real, tal qual a violência encontrada nas ruas de hoje em dia. São dentes voando, sangue esguichando, corpos sendo quebrados e atropelados na melhor expressão de violência gratuita. Corpos desnudos, cenas de sexo, o avanço da tecnologia na área de medicina e até mesmo em algumas armas utilizadas, mostram a verdadeira natureza clássica dos fãs de ficção-científica. Outras pessoas poderão dizer que o anime: *Ghost in the Shell* (Fantasma do Futuro), é o verdadeiro representante para o usufruto do termo *cyberpunk*. Mas, não podemos esquecer que *Akira*, se tornou um clássico desta área, abrindo as portas para que outras animações de ficção científica chegassem ao conhecimento público.

Akira também é conhecido pelos fãs de animações japonesas, por seus traços serem feitos à mão. O realismo possui uma perfeição que instiga o espectador a ver mais de uma vez os quadros, na busca de qualquer falha possível. O perfeccionismo japonês na área de desenhos inspira mais ainda os desenhistas de outros países.

Katsuhiro não se preocupou apenas em mostrar a guerra de gangues, a corrupção do governo, o poder militar em um estado totalitário. Ele mostrou as possibilidades do que aconteceria à humanidade se algumas pessoas fossem dotadas de poderes paranormais. Também mostrando os conceitos de amizade, lealdade, amor, inveja, vingança e ódio que surgem em cada personagem existente na trama.

Em uma animação como *Akira*, os valores mudam de forma constante. Amigos tornam-se inimigos. Inimigos tornam-se aliados. O fanatismo leva a destruição. A racionalização fica abalada. As demonstrações de que os fortes devem ser temidos e que os fracos devem ser dizimados, ficam claras. Os valores devem ser questionados e revistos. E brincar com o que não se conhece, sempre traz consequências desastrosas.

*Cyberpunk é um lugar sinistro, sombrio, com computadores ligados em rede que dominam todos os aspectos da vida cotidiana. Empresas multinacionais gigantes substituíram o Estado como centros de poder. A batalha do excluído alienado contra um sistema totalitário é um tema comum na ficção científica; entretanto, na FC convencional tais sistemas tendem a ser estéreis, ordenados, e controlados pelo Estado. Em contraste a isso, no Cyberpunk, mostram-se as entranhas da corporatocracia, e a batalha sisífrica entre seu poder por renegados desiludidos.



mundo geek especial

Baixa Fidelidade



Homem-Aranha 3 peca com distorções dos personagens, das histórias e super-povoamento nas telas, e praticamente mata a trilogia mais bem-sucedida de um herói dos quadrinhos no cinema.

O amigo da vizinhança, o Cabeça de Teia, o *Homem-Aranha* é o maior e o mais bem sucedido super-herói nas telas do cinema. Conseguiu bater o Batman e sua trilogia foi a mais rentável do gênero. Ela é assinada por Sam Raimi, um confesso geek responsável por mostrar que para fazer sucesso com um filme baseado nos quadrinhos, tudo que você precisa fazer é ter um bom orçamento para efeitos, publicidade massiva, e ser fiel à fonte. Há de se escolher bem os atores principais, que no caso aqui foi liderado pelos jovens talentosos Tobey Maguire (Peter Parker) e Kirsten Dunst (Mary Jane Watson), e coadjuvantes que possam dar uma boa sustentação dramática.

Mas daí avaliar se ela foi boa ou não são outros quinhentos e vai depender do ponto de vista. Dependendo de qual perspectiva você avalia, o *Homem-Aranha* (em especial o terceiro filme) foi extraordinário, bom ou medíocre.

O *Homem-Aranha* foi extraordinário no ponto de vista da indústria e para os fanáticos por filmes de ação e pancadaria. Foi altamente lucrativo, encheu os bolsos dos executivos de dinheiro, a Marvel deu uma "banana" na DC e de quebra conseguiu bater a editora concorrente também nas bancas de revista. Se o estilo do *Homem-Aranha* já proporcionava lutas de encher os olhos nos quadrinhos, no cinema isso ficou maravilhoso, com movimentos inusitados e seqüências de tirar o fôlego. Quem é que não abriu um sorriso ao ver o Cabeça de Teia passeando entre os prédios de Nova York ou perseguindo os vilões. Isso é cinema pipoca da melhor qualidade e toda a trilogia proporcionou momentos divertidíssimos ao espectador ocasional.

Os três filmes foram bons na perspectiva do leitor regular, aquele

que acompanha as sagas dos gibis sempre que pode e não é tão xiita. Eles também agradaram o espectador ocasional que gosta de um pouco de história por trás dos efeitos especiais. O primeiro filme foi perfeito na apresentação da história de Peter Parker e na fidelidade com que isso foi feito. Tudo bem que houve pequenas liberdades e inversões, como a promoção direta de Mary Jane no papel de primeiro amor de Peter, ao invés de Gwen Stacy. Justo, uma vez que a ruiva foi quem levou o rapaz ao altar e é considerada a personagem feminina não super-poderosa mais importante dos quadrinhos depois de Lois Lane.

Mas a trilogia poderia ser ótima para esse público se não fosse o terceiro filme estragado pelo excesso de vilões, cenas de ação e pouco tempo para desenvolver uma história decente. Se as coisas focassem apenas no uniforme negro, numa ocasional intervenção do Duende Verde e no surgimento de Venom, talvez o resultado fosse melhor. Mas em nome da ação, o *Homem-Areia*, um dos inimigos mais "ralés" do *Homem-Aranha* entrou na história e justifica a sua presença apenas porque o personagem daria ótimas seqüências de ação. Além disso, a dupla principal de atores resolveu liberar todo o seu lado canastrão do filme. Tanto Maguire quanto Dunst ficavam com um meio sorriso irritante nas cenas supostamente dramáticas e tinham outras expressões dignas do jovem elenco da Malhação.

E sim, o terceiro filme fez com que a trilogia fosse vista como medíocre para os leitores mais xiitas do *Homem-Aranha* e para o público mais exigente. Embora Peter fosse bem caracterizado, assim como tia May, J. Jonah Jameson e o primeiro Duende Verde, o resto sofreu distorções sérias. Mary Jane Watson é símbolo da mulher bem-sucedida e

independente. Sua personalidade é extrovertida, embora fosse imatura para encarar relacionamentos sérios. Levou anos para que ela crescesse o suficiente para ter um relacionamento firme com Peter Parker e o levar ao altar (ele se tornou o sr. Watson). No filme, no entanto, Mary Jane é profissionalmente fracassada e emocionalmente imatura, ainda que tivesse alguma sabedoria. Era alguém que tinha a função de ser a fraqueza do herói e a vítima a ser salva.

O fã mais xiita também questiona quando foi que os inimigos do *Aranha* tiveram crise de consciência. É bem verdade que o Doutor Octopus tem, raramente, um período onde sua natureza benevolente inicial retorne, mas Harry Osborne, por exemplo, nunca ajudou Peter depois que se tornou o segundo Duende Verde. O *Homem-Areia*, então nunca passou de um ladrãozinho com um super-poder. Mas, por alguma razão estranha, eles se redimiram nos filmes. Incrível!

Outra coisa que a trilogia peca é na repetição da estrutura da história. Em todos Peter enfrenta conflitos internos. O primeiro foi o uso dos poderes para ganhar um dinheiro até o assassinato do tio Ben. No segundo, ele não conseguia conciliar sua vida como Peter Parker e *Homem-Aranha*. No terceiro seu lado obscuro foi potencializado pelo uniforme negro. Enquanto isso um vilão armava um plano de vingança esdrúxulo e usava Mary Jane como vítima preferencial para que o *Homem-Aranha* fosse ao confronto final.

No final das contas, Sam Raimi acabou fugindo do caminho que ele mesmo indicou que dava certo na adaptação de um super-herói nos cinemas: fidelidade aos quadrinhos. Não que mudanças sejam ruins, mas se é para fazê-las, que sejam para melhor, como aconteceu em *V de Vingança* ou em *300*.

o filme e os quadrinhos

Leonardo de Moura



Com a chegada de *Homem-Aranha 3* aos cinemas, muitos querem saber quem são e o que fizeram nos quadrinhos os diversos personagens que aparecem agora na telona, e como eles influenciaram a vida do azarado Peter Parker e seu alter ego, o herói aracnídeo. Nesta parte de nosso especial, veremos uma pequena comparação entre as versões dos quadrinhos e do cinema dos três vilões do novo filme e da jovem Gwen Stacy, e entenderemos como foi feita a adaptação destes personagens para o cinema, juntando num só filme quase trinta anos de histórias do escalador de paredes.

Harry Osborn/Duende Verde II (*James Franco*): como visto nos filmes anteriores, o jovem Harry foi outrora o melhor amigo de Peter Parker, até descobrir que ele é o espetacular Homem-Aranha, o qual acredita ter sido responsável pela morte de seu pai, *Norman Osborn*. Apesar de não ter sido chamado de "Duende Verde" em momento algum do filme, fica claro que Harry assumiu a identidade maligna de seu falecido pai no intuito de vingá-lo. Assim aconteceu também nas HQs, com sutis diferenças: depois da suposta morte de Norman pelas mãos do Aranha, Harry passa a usar drogas e chega até mesmo a tratar-se com o psiquiatra *Bartholomew Hamilton*. O médico, porém, descobre a existência da fórmula que conferiu poderes ao primeiro Duende e faz uso dela, mas acaba enlouquecendo e torna-se o segundo Duende Verde. Somente após a morte de Hamilton, tempos depois, é que Harry toma conhecimento de quem foi seu pai, e decide vingar-se do Homem-Aranha. Muitas diferenças entre a versão das HQs e do cinema ainda são notadas, como o fato de que Harry casou-se com *Liz Allen* (outra coadjuvante dos quadrinhos que não aparece nos filmes) e tem um filho, fatos que não ocorrem no filme. A essência de sua história é mantida nas telas, onde podemos ver sua amizade por Peter, o triângulo amoroso com Mary Jane e o desejo de vingança contra o Aranha. Sua redenção também ocorre de forma parecida, quando ele se sacrifica para salvar Peter e descobre que a amizade entre os dois ainda existe, apesar do longo período em que foram inimigos mortais.



Homem-Areia (*Thomas Haden Church*): o vilão de visual mais legal de *Homem-Aranha 3* é completamente diferente de sua versão em quadrinhos. Nas HQs, ele chama-se William Baker (o nome usado no filme, Flint Marko, é nos quadrinhos apenas sua alcunha dos tempos em que era um criminoso comum), e não tem nenhuma família problemática, como no filme. Na verdade, originalmente ele não passa de um vilão que nunca emplacou bem entre os fãs. Os roteiristas das HQs tentaram de tudo, desde confrontos com heróis como *Tocha Humana* e *Hulk*, e até mesmo a sua regeneração, quando ele tornou-se membro reserva da superequipe *Vingadores*. Nessa época, o Homem-Areia ainda lutou uma vez contra o Homem-Aranha, mas provou seu valor ao ajudar o herói a acabar com os planos de um grupo de supervilões que o havia coagido a auxiliá-los. Depois disso, ele tornou-se uma espécie de herói de aluguel e voltou a ser mau novamente, ao sofrer manipulação mental do vilão *Magus*, numa história ruim de doer! Isso apenas prova que nos quadrinhos ninguém nunca conseguiu dar consistência ao personagem, daí as extremas diferenças entre sua versão original e a das telas. Uma curiosidade: na revista, o Homem-Areia é um primo distante de Norman Osborn, o primeiro Duende Verde!



Eddie Brock/Venom (*Topher Grace*): no filme, o vilão Venom é um personagem inexpressivo, que perdeu muito de sua caracterização original. Sua história básica é mantida, onde Eddie Brock descobre o simbionte que serviu de uniforme para Peter Parker e integra-se com ele a fim de vingar-se das humilhações sofridas pelo Homem-Aranha (no filme, seu desejo de vingança é dirigido primeiro a Peter, só depois o vilão descobre que Parker e o herói são a mesma). Assim surgiu Venom, que durante algum tempo foi o vilão mais temido das histórias do aracnídeo. Nas HQs, porém, muitas diferenças são notadas, especialmente no que diz respeito à personalidade do vilão. Venom sempre refere-se a si mesmo como “nós”, e nunca como “eu” (como se vê no cinema), devido à sua característica especial de ser composto por dois seres distintos. Ele também jamais ameaça inocentes gratuitamente, como faz no filme, pois sua rixa é unicamente com o Homem-Aranha. Assim como o Homem-Areia, ele tornou-se “herói” durante um curto período de tempo, onde seguia seu código de honra pessoal de proteger os inocentes, e chegou ainda a realizar tarefas para o governo americano em troca da comutação de uma pena de morte. Com o aparecimento do personagem no filme, ele deve voltar a dar as caras também nos quadrinhos, onde está sumido já há algum tempo.

Gwen Stacy (*Bryce Dallas Howard*): a loirinha apática e sonsa que aparece no filme apenas pra atrapalhar o romance de Peter e Mary Jane não tem nada a ver com sua contraparte dos quadrinhos. Originalmente, Gwen Stacy foi o primeiro grande amor da vida de Peter Parker, que a conheceu nos tempos de faculdade, e era uma jovem de personalidade forte e marcante. Nessa época, Mary Jane Watson era apenas uma coadjuvante das histórias do herói, que vivia às turras com o primeiro Duende Verde. O vilão, que havia descoberto há tempos a identidade secreta de Peter, decide vingar-se dele seqüestrando sua namorada e levando-a ao alto da ponte do Brooklin. Durante o combate, Gwen acaba morrendo e o Duende escapa impune. Isso causou grande impacto nos fãs da época, que tinham a personagem em alta conta e ainda hoje consideram essa como uma das melhores histórias do Aranha de todos os tempos! Recentemente, o roteirista J. Michael Strazinski mexeu bastante no passado do Homem-Aranha e de Gwen, causando revolta a muitos leitores (inclusive este que escreve!), mas isso é história pra outro momento...

